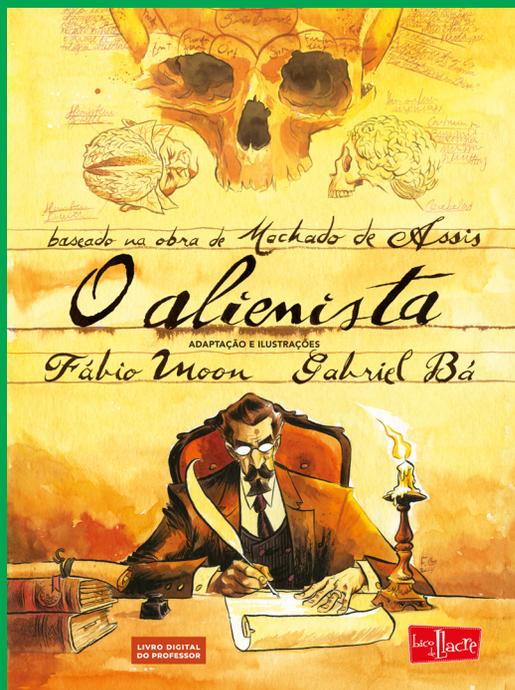


Material de apoio ao professor



LIVRO

O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis

ADAPTADORES E ILUSTRADORES

Fábio Moon e Gabriel Bá

CATEGORIA 2

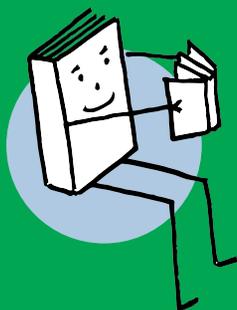
Obras literárias do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Diálogos com a história e a filosofia
Encontros com a diferença
Sociedade, política e cidadania

GÊNERO LITERÁRIO

História em quadrinho, romance gráfico, livro de imagem



AUTORIA

Rafael Salmazi Sachs
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica de Faria
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Maitê Acunzo Turano

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização.....	5
“De médico e de louco, todo mundo tem um pouco”.....	5
Os autores e a obra	6
Gênero e estilo	7
Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental	10
Conversas em torno da leitura dessa obra	13
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	16
Atividade 1: Quem foi Machado de Assis?	16
Pré-leitura.....	16
Leitura.....	17
Pós-leitura.....	18
Atividade 2: Lendo imagens.....	19
Pré-leitura.....	19
Leitura.....	20
Pós-leitura.....	22
Atividade 3: Loucura e normalidade, uma questão histórica	24
Pré-leitura.....	24
Leitura.....	24
Pós-leitura.....	26
Possibilidades interdisciplinares	27
Bibliografia comentada	28
Sugestões de leituras complementares	30

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, os autores, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados na obra e que contribuem para o seu trabalho.

CONTEXTUALIZAÇÃO

“DE MÉDICO E DE LOUCO, TODO MUNDO TEM UM POUCO”

Conhecer o cânone literário por meio de uma adaptação é tirar a obra da torre elevada dos clássicos e torná-la mais acessível a outros públicos que não estavam previstos originalmente. Para alguns, a transfiguração da obra é vista como perda, para outros, como superação do original. No entanto, cada adaptação é, na verdade, uma transcrição que revela as possibilidades desse corpo plurissignificativo que é a literatura.

É o que ocorre com a história em quadrinhos *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis*, de **Fábio Moon** e **Gabriel Bá**, que apresenta aos estudantes dos anos finais do Ensino

Fundamental a versão em quadrinhos do consagrado conto do escritor Machado de Assis. É essencial que nessa fase da escolaridade os jovens descubram os clássicos e percebam quais elementos os tornam parte do melhor da literatura: sua capacidade de não se esgotar em si mesmo, de produzir sentidos e possibilidades múltiplas — não somente de leitura e interpretação, mas até mesmo de outras formas de linguagem.

OS AUTORES E A OBRA

Fábio Moon e Gabriel Bá são irmãos gêmeos nascidos em 1976 na capital paulista. Trabalham juntos desde muito cedo e começaram a ganhar notoriedade pública em 1997, com o fanzine *10 Pãezinhos*. Desde então, os dois seguiram participando de vários projetos de HQs, lançadas em mais de dez idiomas. Produzem histórias em quadrinhos há mais de vinte anos e seus talentos já foram reconhecidos internacionalmente com cinco prêmios Eisner e quatro Harvey Awards, além de um prêmio Jabuti e mais de dez Troféus HQ Mix.

Embora os dois tenham atuado conjuntamente nesses trabalhos, como é de seu costume, suas produções individuais também têm tido grande sucesso. Hoje, eles estão entre os artistas mais importantes da produção de HQs —, e a obra *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* certamente foi um marco para esse reconhecimento.

Lançada originalmente em 2007, *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* foi a primeira história em quadrinhos a ganhar o prêmio Jabuti. Foi reconhecida como o “melhor livro didático ou paradidático de Ensino Fundamental ou Médio”, em concorrência com materiais de estudo e referência de diferentes componentes curriculares. O potencial pedagógico decorre tanto da escolha do texto original — um conto de grande relevância na obra de Machado de Assis — como do estilo da adaptação —, que mantém boa parte do enredo machadiano em uma nova linguagem, explorando a expressividade das imagens na singularidade do traço de Moon e Bá.

Nessa adaptação do conto, os irmãos optaram por manter o máximo possível do texto original, ainda que a narrativa se passe num tempo histórico anterior, no Brasil Colonial. Para melhor compreender o processo de fazer essa versão em quadrinhos, vale a pena ler ou reler o conto “O alienista”, que, por estar em domínio público, pode ser facilmente encontrado na internet ou nas livrarias.

Originalmente, o autor publicou o texto em episódios, ao longo de algumas edições da revista *A Estação*, entre outubro de 1881 e março de 1882. Em seguida, os capítulos foram reunidos num único volume, na antologia *Papéis avulsos*. De lá para cá, a obra ganhou tanto reconhecimento quanto seu escritor e já foi comentada por diferentes gerações de críticos literários.

Para alguns deles, “O alienista” é uma das obras-primas de **Joaquim Maria Machado de Assis**, o nome completo do escritor que é visto como o maior nome da prosa brasileira. Neto de escravizados, nascido em 1839 no Rio de Janeiro, Machado de Assis começou sua trajetória de publicações literárias aos quinze anos, quando lançou seu primeiro poema. Em paralelo à produção literária, foi construindo carreira na imprensa carioca, passando pela tipografia e

revisão, até chegar a colaborações em diversos jornais e revistas. Em alguns momentos, essas atividades acabavam convergindo: vários de seus textos, como é o caso do próprio “O alienista”, foram publicados nesse tipo de periódico antes de compor uma antologia.

Machado produziu crônicas, poemas, peças teatrais, contos e romances. Transitou, portanto, por diferentes gêneros e temas, sendo considerado o escritor mais importante do realismo literário no Brasil, embora tenha uma abordagem bem particular dos elementos vinculados a esse estilo. Contos como “A cartomante” ou “A causa secreta” representam bem essa caracterização, bem como os romances *Quincas Borba* ou *Memórias póstumas de Brás Cubás*.

O autor carioca ajudou a fundar, com um grupo de intelectuais da *Revista Brasileira*, a Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo então eleito presidente da instituição, com a qual esteve envolvido até seu falecimento, em 1908, também no Rio de Janeiro. O escritor deixou um legado fundamental para nossa literatura.

GÊNERO E ESTILO

Trabalhar com uma adaptação de um conto de Machado de Assis na escola inspira uma discussão mais ampla a respeito de gênero e estilo, para além de sua definição como história em quadrinhos. O gênero do texto original desperta alguma controvérsia entre os estudiosos: para alguns, como a narrativa foi inicialmente publicada em capítulos e de maneira periódica, estaria mais próxima de uma novela que de um conto. Para essa argumentação, também contribui o fato de que os contos não costumam ser tão longos, nem estar divididos em capítulos — como se vê em outros contos machadianos (“O caso da vara” ou “Pai contra mãe”).

Ao longo das décadas, porém, convencionou-se tratar “O alienista” como um conto singular, considerando-se esses traços indicados apenas como elementos excêntricos, incomuns, desse caso particular. A ideia de que, nos contos, tudo converge para um único conflito, como afirma Massaud Moisés (2013), de fato se aplica muito bem a esse enredo em que todos os elementos estão, de algum modo, conectados à Casa Verde em Itaguaí, em especial a partir dos encarceramentos promovidos por Bacamarte. Além disso, alguns elementos fundamentais diferenciam essa narrativa de um romance, como a extensão mais curta e a falta de aprofundamento na história de vida de certos personagens.

Mesmo em aspectos estilísticos, a obra machadiana vai bem além dos traços mais comuns de sua época, e por isso nem todos os estudiosos o consideram um escritor do realismo literário. Mas é possível reconhecer nesse conto alguns dos temas e das abordagens do realismo, sobretudo a loucura e a crítica à forma como a medicina do fim do século XIX vinha tentando descrever e tratar os considerados loucos. “O alienista” se distingue assim de enredos típicos do romantismo, como o romance *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe, que faz um mergulho na subjetividade do protagonista. Na obra machadiana, assim como no realismo literário de modo geral, a psicologia humana é abordada por um viés mais racionalista, quase como se o comportamento dos personagens fosse um objeto de estudo. Isso parece estar relacionado às explorações da psicologia e da psicanálise no momento em que

os escritores realistas viveram, já que no século XIX estavam em voga indagações a respeito da existência, ou não, de um determinismo biológico para a personalidade.

Isso é importante para compreender as escolhas estilísticas da adaptação de Moon e Bá, já que os quadrinistas buscaram manter, em sua recriação do texto, alguns aspectos do estilo machadiano, bem como as discussões temáticas do conto original. Um primeiro aspecto em que isso se destaca está na ambientação que escolheram para o enredo: embora a história se passe no Brasil Colonial (como indicam, por exemplo, as menções que alguns personagens fazem a “El-Rei” e a existência de personagens como os dragões, soldados da Coroa Portuguesa), as vestimentas e a arquitetura evidentes nos desenhos são do século XIX. Essa decisão dos artistas pode ser interpretada como uma referência, justamente, à abordagem da loucura e do comportamento humano pelas ciências médicas desse período.

Essa escolha é um dos traços estilísticos da obra que sugere a intenção dos quadrinistas em associá-la ao campo da criação literária e ajuda a compreender suas particularidades em relação a outros tipos de narrativa em quadrinhos.

Não se sabe ao certo quando as histórias em quadrinhos passaram a se organizar da forma como as conhecemos hoje, mas desde o final do século XIX existia, em publicações europeias, um gênero narrativo que estruturava uma representação visual de ações com textos escritos que explicavam ou expressavam falas dos personagens. Desde então, passando pela disseminação dessas narrativas na imprensa ao longo do século XX, as HQs ganharam outros recursos e ampliaram-se com o surgimento das histórias de super-heróis norte-americanos, que conquistaram um público enorme (OLIVEIRA, 2008).

Conhecer mais o gênero literário será um elemento motivador de leitura, visto que os estudantes costumam apreciar HQs desde a infância, seja com a Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, e os quadrinhos da Disney, seja com as obras da DC Comics e da Marvel Comics, seja com os mangás, tão apreciados por crianças e adolescentes. Outro exemplo é a adaptação do romance homônimo de Milton Hatoum *Dois irmãos*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, com a qual muitos estudantes dão um salto na perspectiva que têm de HQs. Por isso, seria até possível afirmar que *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* é uma HQ que se aproxima dos **romances gráficos** (em inglês, *graphic novel*), conforme o conceito adotado por Will Eisner na década de 1970. Embora ainda não seja consensual entre os autores de HQ em geral, para Eisner, quando usamos a expressão “romance gráfico” damos destaque à profundidade e à poeticidade da narrativa gráfica:

O futuro das *graphic novels* depende de autores que de fato acreditem que a aplicação da arte sequencial, com seu entrelaçamento de palavras e imagens, estabelece uma dimensão comunicativa que contribui — de maneira cada vez mais relevante — para o fazer literário que se ocupa de investigar a experiência humana. O estilo, a apresentação — apesar da falta de espaço e do suporte tecnológico de reprodução limitado —, os balões e os quadrinhos ainda são as principais ferramentas do artista sequencial (2010, p. 149).

Uma das diferenças entre o romance gráfico e os quadrinhos é que o primeiro, além de em geral tratar de “temas adultos”, concentra-se numa obra única assinada por um autor, enquanto nas histórias em quadrinhos uma equipe pode dar continuidade à criação, a depender do sucesso com o público. O gênero **romance gráfico** reivindica para si o mesmo *status* do romance tradicional, devido à complexidade e densidade das narrativas, além de outros recursos comuns ao romance tradicional, como o hibridismo dos gêneros, trazendo, por exemplo, para seu interior cartas, bilhetes e poemas, entre outros.

Em *O alienista*: Baseado na obra de Machado de Assis, os artistas fizeram escolhas gráficas alinhadas com as características estilísticas machadianas, como a forte presença do narrador. Muitas narrações presentes no conto foram mantidas nos quadrinhos: elas aparecem em caixas de texto retangulares, conhecidas nesse gênero como “recordatórios”, que têm o objetivo de oferecer ao leitor alguma informação sobre o que a imagem está retratando ou sobre algo que não aparece na imagem (a localização de espaço e tempo, por exemplo).

O narrador machadiano, em seus comentários, pode ser considerado bastante irônico. Nessa adaptação, tal ironia se revela, por exemplo, por meio dos traços gráficos que retratam determinados personagens. Simão Bacamarte, homem sério, sagaz e decidido, um cientista que não se deixa levar pelas emoções, é apresentado em poses rígidas, e é por traços mínimos que notamos o que se passa com o personagem. A boca se esconde sob o bigode e os olhos sob os óculos.

Também notamos a importância da posição das mãos na caracterização desse personagem. Colocadas para trás, especialmente ao caminhar, sugerem uma postura vigilante, atenta a cada detalhe — algo notável nas cenas em que o alienista aparece caminhando pela vila ou pela Casa Verde, por exemplo (ver p. 7, 12 e 27).



Há muitos momentos, também, em que o médico aparece com os dedos interligados pelas pontas, em ogiva, em postura normalmente associada a estados de reflexão e de análise profunda. Esse gesto é adotado sobretudo em momentos de deliberação por parte do personagem, o que sugere uma abordagem um tanto caricata para retratar seu comportamento (ver p. 49 e 65).

O exemplo da caracterização de Bacamarte pode ser estendido a outros personagens: como o conto de Machado não detalha as características físicas deles, os quadrinistas puderam explorar sua criatividade. O traço autoral dos artistas se revela em diversas outras escolhas gráficas, como o expressivo uso de tons que lembram o sépia, paleta que remete a documentos antigos, como os papéis amarelados das anotações de Bacamarte, e que ao mesmo tempo reforça a sobriedade e a objetividade próprias do realismo literário. Vale mencionar, ainda, a distribuição das ações ao longo das páginas, a fim de captar a atenção do leitor e mantê-lo envolvido com a narrativa, quase que o forçando a virar a página para ver o que acontece em seguida. Tais estratégias ajudam a compreender o caráter autoral dessa história em quadrinhos e oferecem ricas possibilidades de trabalho com os estudantes.

Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

A leitura de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* permite trabalhar a primeira das competências gerais para a Educação Básica* elencadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Isso porque o enredo, ao promover uma reflexão sobre o sentido da loucura e suas formas de tratamento, também propicia diálogos importantes sobre a organização da sociedade e as determinações políticas que estabelecem as leis e seu cumprimento. Além disso, o fato de se tratar de uma obra em quadrinhos propicia o trabalho com a competência 3 de Língua Portuguesa**, uma vez que oferece aos estudantes a experiência de refletir sobre a imbricação entre imagem e texto na produção de sentidos e na construção literária.

Inicialmente, é importante destacar que a leitura dessa obra possibilita muitos **diálogos com a história e a filosofia**, já que conduz o estudante a conhecer discussões do contexto histórico do final do século XIX, levando-o a pensar na distinção formal entre loucura e

* 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 9).

** 3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo (BRASIL, 2018, p. 87).

normalidade, tema importante para a filosofia e as pesquisas científicas da época, sobretudo no campo da psicologia.

O mergulho no momento histórico está diretamente associado, na obra, a uma reflexão importante nesse período. Ao criar o enredo, Machado de Assis não apenas apresenta o debate sobre loucura, então muito fervoroso nos círculos acadêmicos e médicos, sobretudo na Europa: mais que isso, o conto faz uma crítica a posturas científicas que supervalorizavam a ciência, sem espaço para questionamentos acerca de suas contradições e riscos éticos, por exemplo. Simão Bacamarte, principal alvo da ironia machadiana nessa narrativa, parece mais do que um representante da ciência, mas age como se fosse a própria ciência. Fica evidente, ao longo da história, que suas ações sobre Itaguaí acabam trazendo consequências muito negativas para a cidade toda, chegando mesmo a ser exploradas politicamente pelos membros da Câmara e pelos líderes das rebeliões de moradores.

As teorias científicas de Bacamarte são usadas para diagnosticar as pessoas com comportamentos desviantes como loucas, e também seu oposto. Ficam evidentes, assim, dois aspectos ricos para o trabalho pedagógico: a complexidade de definir o que significa ser louco e as contradições internas à própria ciência, incluindo seus impactos sobre a coletividade. Com base nisso, a reflexão sobre **sociedade, política e cidadania** emerge como outro dos temas centrais despertados por essa leitura.

Considerando que um dos pontos centrais do enredo não é só a definição de loucura em si, mas a forma como se opta por tratar os “loucos” e estudar a loucura, a obra oferece ainda a oportunidade de um debate político sobre a justiça e o real sentido de uma “sociedade inclusiva”. Dessa forma, o texto tematiza também os **encontros com a diferença**, uma vez que traços interpretados por Bacamarte como sinais de loucura podem ser vistos como apenas características da singularidade dos personagens. Talvez seja por não saber lidar com essa diversidade que o médico a descreve como loucura — e, mais do que isso, sugere que os loucos (os diferentes) sejam retirados do convívio social, devendo viver aprisionados na Casa Verde. Como identificar e tratar a loucura em uma sociedade inclusiva? Os jovens provavelmente ficarão instigados por essa questão, que pode trazer para debate em sala de aula a saúde mental, conteúdo que faz parte do Tema Contemporâneo Transversal (TCT) **saúde**. É esperado que eles desenvolvam, ao longo da formação escolar, atitude crítica diante de “valores, práticas e formas de organização social sobre a saúde das pessoas e da sociedade” (BRASIL, 1997, p. 280) e que ampliem o entendimento das relações entre o fenômeno da saúde e da doença, considerando-o em sua relação com as formas de organização da sociedade (ibid., p. 250).

Outro eixo dessa mesma possibilidade de aprofundamento de leitura é a discussão sobre a política e seu papel nesse debate público: em Itaguaí, o alienista é financiado pela Câmara, que também lhe concede aval e poderes para definir quem vai ou não para a Casa Verde. Com o embate entre a população e a Câmara, descrito no livro como Revolta dos Canjicas, é inevitável refletir sobre os possíveis interesses dos órgãos de poder numa questão como essa. Como a loucura foi usada, historicamente, para desmerecer adversários políticos? Isso é algo que aparece,

por exemplo, quando o alienista apreende o vereador Galvão, fato estranhado até pelos demais políticos, que apesar disso não o contestaram, dado que viam no homem um adversário. Aqui pode haver oportunidade de desenvolver um dos TCTS propostos pela BNCC, **educação em direitos humanos**, na macroárea cidadania e civismo, pois muitos dos avanços em direitos civis ocorrem a partir de manifestações populares.

Para ampliar as reflexões propostas pela obra, sugere-se que os estudantes comparem diferentes aspectos do mundo contemporâneo à situação vivida em Itaguaí. E assim aprofunda-se também outra questão: como as sociedades atuais tratam aqueles que são diferentes, seja na medicina e nas ciências, seja nas decisões políticas?

A HQ de Moon e Bá também pode ser analisada considerando suas diferentes linguagens. Por ser uma adaptação, é importante pensar não só no processo de transposição do conto para uma narrativa constituída por texto escrito e imagem, mas também na importância dos recursos visuais para a construção de sentidos e interpretações — uma das dimensões das práticas leitoras*, como propõe a BNCC.

O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis oferece aos estudantes o contato com um gênero nem sempre valorizado como objeto de estudo: as histórias em quadrinhos, que com as convenções próprias ao gênero compõem a narrativa a partir de traço, cor e organização visual, além do texto. A partir dessa experiência de fruição, podem-se abordar aspectos linguísticos bem relevantes, como a relação entre o verbal e o visual, elemento central para a compreensão desse texto e de outros similares, como ressalta Érico de Assis, tradutor de HQs:

Os quadrinhos também podem usar vários recursos, e frequentemente usam a palavra escrita, mas se baseiam na narrativa gráfica, imagética, pictórica, desenhada ou como você quiser chamar.

(Sou contra dizer que os quadrinhos têm ilustrações, pois os desenhos nos quadrinhos não ilustram, e sim narram; em outras palavras, as imagens não estão subordinadas ao texto, e sim o texto está subordinado às imagens. Na literatura ilustrada, o texto é central e as imagens subordinam-se ao texto.)
(BRAGA, 2021, p. 141)

Como vimos, *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* oferece uma gama de possibilidades de trabalho com os anos finais do Ensino Fundamental.

* Compreensão dos **efeitos de sentido** provocados pelos usos de **recursos linguísticos** e **multissemióticos** em textos pertencentes a gêneros diversos (BRASIL, 2018, p. 73).

Conversas em torno da leitura dessa obra

Um dos preconceitos em relação à leitura na escola de histórias em quadrinhos, ou mesmo de outros textos imagéticos, é a ideia de que ler imagens seria mais simples que ler textos escritos — não seria necessária, portanto, a mediação de um professor. Porém, recomenda-se aqui exatamente o oposto: o trabalho de um mediador apoia as interpretações e orienta as reflexões propiciadas pela leitura em um ambiente voltado para a formação de leitores. Os professores com certeza oferecem suporte para a compreensão de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis*, por definir e aprofundar as chaves de leitura fundamentais da obra. É a experiência desse leitor experiente que poderá ajudar os estudantes a enfrentar a singularidade do texto machadiano nessa releitura de uma obra clássica em outras linguagens.

Desse modo, sugere-se que o trabalho com essa obra seja conduzido com base em duas chaves de leitura principais: as **discussões temáticas** suscitadas pelo enredo e a **reflexão sobre a integração entre verbal e visual** na constituição da obra. Em ambas as abordagens, seria importante começar o trabalho com alguma atividade de reconhecimento, por meio da qual se possam identificar os conhecimentos prévios dos adolescentes:

O professor deve conhecer as ideias de seus alunos em relação àquilo que se propõe ensinar, tanto para poder descobrir se possuem apoios conceituais suficientes para incorporar os novos conhecimentos como tentar entender sua forma de proceder e de interpretar o escrito, visando favorecer a evolução positiva desses conceitos no desenvolvimento das aprendizagens (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 63).

No caso dessa obra, cabe sondar a experiência da turma com a leitura de quadrinhos, já que muitos adolescentes costumam ter acesso a gibis, romances gráficos, mangás ou mesmo tirinhas de humor que circulam em jornais e revistas. Pode ser interessante também identificar o que conhecem sobre Machado de Assis, e vale a pena, ainda, promover atividades que os auxiliem em relação ao vocabulário do livro — aspecto que certamente demandará apoio do professor.

Identificar os conhecimentos prévios da turma contribuirá para orientar as dinâmicas de leitura, que podem alternar momentos de leitura individual e silenciosa com outros de leitura coletiva, em voz alta. Pode ser interessante que ao menos no início dos trabalhos todos os estudantes tenham seu exemplar em mãos e que o texto seja lido em voz alta, a fim de que todos acompanhem a narrativa e se possa assegurar a compreensão do conflito central. Além disso, vale a pena prever momentos para retomar tais discussões, à medida que se avançar na leitura do texto:

Será preciso prever momentos de intercâmbio entre o professor e seus alunos, seja individualmente ou em grupo, sobre os textos que leram ou estão lendo, para saber o que interpretam e como resolvem os problemas de compreensão e

também para poder ajudá-los e oferecer a eles formas de proceder mais adequadas, se for preciso. Assim, seria conveniente criar continuamente situações para falar do que se lê e de como se faz, mais do que dedicar horas e horas a simplesmente oralizar textos (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 69).

Além de consistirem em importante recurso para avaliar a compreensão dos jovens quanto ao enredo, esses momentos coletivos favorecem o compartilhamento de estratégias para lidar com as dificuldades de vocabulário e com a análise dos recursos visuais. Na dinâmica de leitura coletiva, é muito comum que os estudantes exponham suas hipóteses de leitura a respeito de tais dificuldades, o que deve ser encorajado pelo professor. Dessa forma, estimula-se o diálogo entre pares a respeito da história, o que pode fomentar momentos ricos de compartilhamento espontâneo de diferentes estratégias de leitura e reflexão a respeito das linguagens envolvidas.

Convém que as ações do professor considerem a criação de um ambiente acolhedor para essas trocas, de modo que os estudantes se sintam estimulados a oferecer suas contribuições e colocar suas dúvidas. Para tanto, é importante oferecer-lhes condições adequadas para que produzam as próprias interpretações a respeito do texto. Com relação ao vocabulário, por exemplo, dicionários podem ser levados à sala de aula para consulta nos momentos de leitura, tanto em formato impresso como digital, a depender dos recursos disponíveis. A atividade de leitura pode ser também um momento de aprendizagem e reflexão a respeito do uso desse tipo de obra de referência, um comportamento fundamental ao desenvolvimento da **autonomia leitora**.

Quanto à linguagem visual, é importante que o professor destaque alguns aspectos específicos desse tipo de leitura. Segundo Teresa Colomer, ao ler obras em que a relação entre texto e imagem é muito presente,

[...] as crianças não apenas interpretam o símbolo do que *há* objetivamente na página do livro, mas também iniciam na necessidade de inferir informações, não explícitas, próprias de qualquer ato de leitura e começam a notar, ao mesmo tempo, os julgamentos de valor que se tem das coisas em sua própria cultura: o que é seguro ou perigoso, o que se considera belo ou feio, habitual ou extraordinário, adequado ou ridículo (COLOMER, 2007, p. 52-53).

Ao apresentar o livro à turma, seria interessante focar na linguagem visual e nas especificidades mais gerais das narrativas gráficas. Dessa forma, o professor pode auxiliar os estudantes a se familiarizarem com procedimentos de leitura típicos dos quadrinhos. Por exemplo, há vários aspectos que interferem na sequencialidade desse gênero literário, como a tipografia, os tipos de balão, as cores, os traços — tudo isso diz muito sobre as personagens e a atmosfera das cenas. Em vista disso, nem sempre nossos olhos seguem a leitura linear proposta nos textos originalmente verbais — da esquerda para a direita, de cima para baixo. É bem comum que

algo sequestre nossa atenção e acabemos dando um passeio pela página toda antes de fazer o percurso sequencial proposto no primeiro quadro.

É esperado que os estudantes dominem alguns desses aspectos por conta da própria experiência com outras leituras de quadrinhos, de modo que convém promover momentos de conversa em que exponham suas observações iniciais e, com o auxílio do professor, identifiquem outros recursos das HQs ou mesmo aspectos estilísticos específicos do trabalho de Moon e Bá.

Essa é uma oportunidade de perceber as especificidades da construção narrativa dessa obra, conforme sugerido na BNCC pela habilidade EF69LP47*, já que, nessa adaptação de um conto machadiano, é na imbricação entre verbal e visual que se dá a construção de elementos como tempo, espaço e ação.

A mediação docente é fundamental também para apresentar informações sobre o contexto histórico do século XIX, em que se desenrolam as discussões sobre loucura e comportamento humano abordadas pelo enredo. A partir daí, os momentos de leitura coletiva podem abrir também espaços para que os estudantes exponham suas impressões sobre os temas abordados pela obra, em conformidade com o que sugere a habilidade EF69LP44**. Como se sabe, expressar opiniões despertadas pela leitura pode ser bastante proveitoso em momentos de compartilhamento coletivo:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque é possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (COLOMER, 2007, p. 143).

Dessa forma, momentos de discussão sobre a leitura favorecem não apenas reflexões sobre os temas em si, mas também um envolvimento mais amplo dos jovens com a obra machadiana

* (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 159).

** (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

e uma reflexão sobre os quadrinhos como narrativa multimodal. As possibilidades de aprofundamento da leitura, em qualquer um desses aspectos, são muito ricas e interessantes, e ganham outra dimensão quando contam com a mediação de um professor.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

As sugestões de atividades deste material incluem momentos de pré-leitura para ajudar os estudantes a consolidarem recursos e estratégias a serem acionados para melhor compreensão e aproveitamento de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis*. Envolve, portanto, aspectos temáticos da obra e as relações entre texto e imagem numa história em quadrinhos. Como atividades de leitura, sugerem-se encaminhamentos específicos para promover a compreensão dos aspectos principais do enredo e de sua interpretação à luz das chaves de leitura temáticas e estilísticas mencionadas anteriormente. Por fim, os momentos de pós-leitura incluem sugestões de sistematização e aplicação, ao próprio texto, de alguns dos conhecimentos mobilizados ao longo da experiência de leitura. Para isso, pensaram-se propostas de produção escrita.

ATIVIDADE 1: QUEM FOI MACHADO DE ASSIS?

PRÉ-LEITURA

A proposta é aprofundar a percepção dos elementos do século XIX presentes no livro, especialmente a partir de uma reflexão sobre temas recorrentes na obra machadiana, os quais coincidem com tendências do realismo literário. Para tanto, sugere-se que, antes da leitura, os estudantes façam uma pesquisa sobre o autor, identificando seus dados biográficos e as principais características de sua produção.

Algumas questões que podem nortear a investigação: Quem foi Machado de Assis? Que tipo de obras produziu? Quais eram os temas mais comuns em suas obras? Quais são seus livros mais conhecidos? A pesquisa pode ser feita na biblioteca, com outras obras do autor e livros didáticos, ou em meios eletrônicos, a depender da disponibilidade de recursos.

Depois que os resultados forem compartilhados com a turma, o professor pode conduzir a produção coletiva de uma síntese, aproveitando esse momento para apresentar a leitura de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis*. Se houver disponibilidade de tempo, vale a pena promover a leitura de outro texto machadiano em que se evidenciem traços característicos da obra dele, como os contos “A cartomante” ou “Um apólogo”, que são curtos e facilmente encontrados na internet e nas bibliotecas. O professor pode ler ambos em voz alta para a turma e comentá-los, ou escolher outro texto de Machado com o qual tenha mais familiaridade para essa dinâmica.

LEITURA

Como essa obra aborda a questão do cientificismo do século XIX? Essa é a pergunta que fundamenta a atividade. Espera-se, portanto, que os estudantes percebam o tratamento crítico dado ao tema.

Para iniciar a leitura, sugere-se perguntar aos jovens se sabem o que significa “alienista” e pedir que compartilhem suas hipóteses a respeito do termo, com base nas imagens da capa. Em seguida, pode-se promover uma consulta ao dicionário ou a outros materiais de referência para verificar a definição precisa da palavra e, a partir daí, fazer um levantamento das expectativas de leitura da obra.

Na sequência, sugere-se a leitura compartilhada do início do livro, para que o professor destaque os elementos narrativos básicos apresentados nos primeiros quadros, como tempo, espaço, personagens e conflito. Pode ser oportuno que a leitura em voz alta se estenda até o momento em que o alienista apresenta sua nova teoria sobre a loucura (p. 20), expandindo o conceito para abarcar mais traços de comportamento. Nesse ponto, vale fazer uma pausa e, de alguma forma, verificar a compreensão dos estudantes e também o que imaginam e pensam a respeito da continuidade da história.

À medida que avançam na leitura, o professor pode então criar rodas de discussão e compartilhamento, propondo algumas questões para nortear a percepção dos estudantes quanto aos temas relacionados ao contexto histórico. Alguns acontecimentos do enredo que estimulam uma conversa sobre o cientificismo daquele período são a Revolta dos Canjicas, a libertação dos prisioneiros da Casa Verde e o momento em que o alienista decide internar a si mesmo. Em todos esses pontos, seria interessante perguntar à turma: como os elementos retratados se associam às discussões do século XIX a respeito do comportamento humano? Esses acontecimentos evidenciam qual visão a respeito da ciência? Como as autoridades de Itaguaí se relacionam com o alienista? O que isso revela a respeito da relação entre política e ciência? Os encaminhamentos dados pela Câmara da cidade foram democráticos? É possível vincular esses eventos e temas aos dias atuais?

São diversas as habilidades do campo artístico-literário desenvolvidas numa atividade de apreciação de leitura, como a EF69LP44* e a EF89LP33**, por exemplo.

Vale a pena sugerir que os estudantes registrem algumas dessas respostas e, especialmente, suas opiniões a respeito dos temas abordados, com as devidas justificativas. No fim do livro, pode-se pedir que elaborem uma síntese com seus apontamentos, para servir de base à proposta

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 187).

de pós-leitura ou para eventuais reflexões futuras a respeito de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis*.

PÓS-LEITURA

Uma das maneiras de dar forma às discussões suscitadas pela obra é criar um texto de crítica e divulgação cultural em que os estudantes possam opinar sobre o livro. Para tanto, recomenda-se que produzam uma resenha crítica sobre essa adaptação machadiana, com a tarefa específica de promover, no texto, uma associação entre a obra dos irmãos Moon e Bá e algum dos temas mencionados nas rodas de discussão.

Vale a pena apresentar alguns exemplos de resenhas de outras obras destacando as características principais desse gênero textual. Seria interessante mostrar resenhas de outras narrativas gráficas, principalmente de adaptações de obras literárias. Traços importantes a sublinhar incluem a apresentação inicial de uma sinopse, a construção de comentários críticos justificados com base em elementos do enredo e uma avaliação positiva ou negativa, geralmente no fim da resenha. Também podem ser destacados no texto os temas principais da obra. Se for do interesse do professor e houver disponibilidade de recursos, pode ser interessante mostrar aos estudantes alguns exemplos de resenha em vídeo.

O que destacar na resenha depende do público, por isso o professor pode sugerir uma situação de produção cujos resultados circulem entre os adolescentes e também na comunidade escolar. Duas possibilidades incluem a criação de uma revista literária que agrupe as resenhas da turma ou a transformação destas em apresentações orais, nas quais cada estudante seja orientado a apresentar suas reflexões sobre a obra aos colegas, aos familiares ou a outros professores. A possibilidade de transformar as resenhas em vídeos não deixa de ser igualmente interessante — porém é fundamental, nesse caso, a avaliação dos recursos tecnológicos disponíveis. São oportunidades de desenvolver habilidades de Língua Portuguesa relacionadas às condições de produção, circulação e recepção de textos, como a EF69LP46* e EF69LP51** entre outras.

* (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, *posts* em *fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário (BRASIL, 2018, p. 159).

ATIVIDADE 2: LENDO IMAGENS

PRÉ-LEITURA

Nesta segunda atividade, o objetivo é tratar mais detidamente dos recursos visuais da obra e de algumas das convenções das narrativas gráficas, desenvolvendo a apreciação de práticas de linguagens artísticas e linguísticas. Para tanto, sugere-se que o professor analise com a turma outro exemplo de HQ, a fim de evidenciar as convenções do gênero e de sensibilizá-los para certos efeitos de sentido ligados a escolhas estilísticas de representação visual.

Há diversas maneiras de fazer isso, a depender dos materiais e recursos mais acessíveis. Diversas obras de Machado de Assis já foram adaptadas para quadrinhos, e o professor pode ler uma delas com os adolescentes. Outra opção é escolher uma HQ disponível na biblioteca mais próxima ou pedir aos próprios estudantes que tragam alguma de casa (podem ser gibis ou mangás). As tirinhas de jornais também são materiais acessíveis e, embora não apresentem narrativas longas, não deixam de oferecer uma oportunidade para conversar sobre as características da linguagem dos quadrinhos.

Independentemente do material escolhido, o professor pode explicitar os objetivos dessa leitura, pedindo aos estudantes que registrem os traços que perceberem como mais importantes na linguagem dos quadrinhos. É interessante deixar que as percepções iniciais partam dos jovens, e só depois, no fim, produzir uma síntese coletiva com eventuais elementos complementares.

Espera-se que após essa síntese os estudantes estejam mais conscientes do caráter intencional de certas escolhas dos quadrinistas, em especial quanto aos recursos que distinguem as falas de diferentes personagens e as dos personagens em relação ao narrador. A distinção entre balões de pensamento e outros balões, bem como eventuais variações tipográficas, também são conteúdos que deveriam ficar explícitos nessa proposta. Os jovens devem mencionar ainda outros componentes estilísticos da história lida, como as cores, os traços, a quantidade e o tamanho dos quadrinhos ou mesmo a extensão das falas nos balões. Vale a pena estimular a interpretação desses recursos para intensificar a experiência reflexiva dos adolescentes como preparação para a leitura de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* em seguida.

Um dos objetivos é desenvolver habilidades como a EF69LP49*, proposta pela BNCC em Língua Portuguesa, no campo artístico-literário, visando envolver os estudantes na leitura de textos literários e de outras produções culturais.

* (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

LEITURA

Neste momento, objetiva-se que alguns dos recursos visuais acionados por Moon e Bá na composição de *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* sejam trazidos à tona para análise e interpretação dos estudantes. Pode-se entremear os momentos de leitura autônoma com algumas pausas para a análise de quadrinhos, cenas ou páginas específicas da obra. Sugere-se destacar, nessas pausas, aspectos como o enquadramento, as cores, a distribuição dos acontecimentos pela página e as estratégias de caracterização dos personagens.

A forma de retratar os personagens pode ser o primeiro aspecto a ser trabalhado, já que é algo perceptível desde a capa e a quarta capa, e também nas páginas iniciais. O professor pode escolher imagens específicas dos personagens principais da obra e pedir à turma que descreva essas figuras oralmente, apresentando não apenas traços físicos, mas também características psicológicas que possam ser inferidas a partir das imagens. É importante que os jovens justifiquem suas observações, dizendo qual aspecto, em cada imagem, produziu as impressões enunciadas: algum traço, gesto ou objeto; o enquadramento; o jogo de luz e sombras? A reflexão pode começar pela capa, incluir a quarta capa (que mostra políticos de Itaguá diante do alienista e do boticário) e estender-se a personagens como D. Evarista ou o padre Lopes, evidentes desde o início da obra.

A questão das cores pode ser comentada em qualquer etapa da leitura. Desde a capa se nota que os artistas escolheram usar tons de amarelo e sépia, sempre em composição com o preto para explorar a luz e a sombra. Em vez de oferecer essa informação aos estudantes, pode-se perguntar, a partir de determinada imagem, quais são as cores desse livro, deixando que a descrição da turma se aproxime dessa percepção — o que deve ocorrer de forma intuitiva. Por fim, quanto à distribuição das ações do enredo entre as páginas, pode-se ressaltar um dos momentos em que a trama fica claramente suspensa pela troca de páginas — evidenciar aos estudantes o efeito de suspense aí produzido. Uma cena que poderia se prestar a essa análise é a da interrupção da Revolta dos Canjicas pela chegada dos dragões.

Quando lerem os quadros finais da p. 41, antes de virar a página, o professor pode propor algumas questões gerais para que os estudantes identifiquem os recursos gráficos mencionados anteriormente. Por exemplo: Como são as cores utilizadas nessas imagens? Há alguma variação de tom entre as cores? O que indicam essas variações? Que relação a escolha dessa cor pode ter com o estilo dessa obra? Notaram que há diferentes balões de texto? Há alguma fala ou ruído que não foi apresentado por balões?

Contribui-se assim para que os jovens façam uma leitura atenta da narrativa visual, com base nos recursos adotados pelos artistas para a composição das cenas e nas diversas formas de apresentar os textos (recordatórios com falas do narrador e balões de fala de personagem, além dos efeitos de sentido causados pela representação tipográfica da onomatopeia “Kapow”). Depois, num segundo momento da análise, convém fazer questões a respeito da distribuição dos quadrinhos entre as páginas. Por exemplo: Qual é o efeito provocado sobre o leitor com

a última cena da página 41? O que o último quadrinho sugere que vai acontecer em seguida? Qual poderia ser a intenção dos autores ao finalizar a página assim?



Após uma troca de ideias sobre essas questões, pode-se virar a página e perguntar aos estudantes: Qual é a relação entre esse novo quadrinho e o anterior? Por que essa imagem não foi apresentada na página anterior?



Dessa forma, os adolescentes poderão perceber a intencionalidade na composição de cada página, bem como o efeito alternado de suspense e revelação que essa estratégia provoca — algo que se repete em outros momentos da obra, como no final da própria página 42, ou nos momentos em que são apresentadas à Câmara as mudanças nas concepções do alienista.

Evidentemente, o professor poderá ainda escolher outros aspectos da linguagem visual que queira evidenciar nesses momentos de análise coletiva de imagens da obra. Em diversas partes da narrativa, encontramos interjeições e onomatopeias em fontes diferentes — ver por exemplo a página 43.

Outro aspecto que vale destacar são as imagens metonímicas dos acontecimentos narrados, em que o enquadramento focaliza alguns objetos (uma xícara, uma pena com seu papel, uma arma), deixando que o leitor complete mentalmente a cena apresentada. Ainda na página 43, por exemplo, um dos quadrinhos apresenta apenas o cano da arma, que estoura com o tiro, conferindo dinamismo à cena retratada. O procedimento é semelhante às escolhas de enquadramento do cinema e ajuda na construção do ritmo narrativo: percebe-se que a cena está em continuidade, sem que para isso seja preciso repeti-la por completo, e de quebra ainda se destaca algum detalhe específico dos objetos ou das ações.

Outros exemplos: o prato e os talheres em primeiro plano (p. 15) ou o rosto de um personagem (p. 36). Neste segundo caso, além da questão do ritmo, a mudança de enquadramento confere mais expressividade à cena, já que a expressão facial mostra mais detalhadamente os sentimentos do personagem naquele instante.

Em alguns momentos do enredo, a passagem do tempo não é exposta no texto, mas sugerida pelas imagens: é o que se vê, por exemplo, nos pássaros voando, uma imagem que sinaliza ao leitor um intervalo mais longo entre as ações anteriores e posteriores (p. 18 e 56).

Em quaisquer recursos abordados, sugere-se tanto a estratégia de análise coletiva com base em exemplos, a partir de questões provocadoras, como também a proposta de os próprios estudantes mapearem outras ocorrências de um recurso visual ao longo da obra, a fim de promover maior autonomia deles como leitores de narrativas gráficas.

PÓS-LEITURA

Para consolidar os conhecimentos desenvolvidos, sugere-se uma comparação entre a versão original de “O alienista” e a narrativa em quadrinhos. Com a turma dividida em grupos, o professor pode indicar que cada equipe leia um dos capítulos do conto, buscando em seguida localizar e reler, na versão dos irmãos Moon e Bá, os quadrinhos correspondentes, com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças entre as duas obras.

Para nortear essa comparação, podem-se fazer as seguintes questões: A HQ modificou os acontecimentos narrados no capítulo lido ou manteve-os idênticos? Houve acréscimo ou retirada de certos elementos ou ações? Que aspectos do texto escrito foram expressos visualmente pelos quadrinhos? Quais detalhes foram acrescentados à caracterização de personagens e

cenários na HQ? Houve mudança na forma de apresentação das falas? Que outras diferenças e semelhanças você percebe? Que efeitos foram provocados pelas alterações realizadas?

Evidentemente, para cada capítulo, haverá transformações específicas a ressaltar: em alguns momentos, certos traços da ação indicada no conto são estendidos pela figuração em quadrinhos; em outros, há condensação dos eventos narrados. Na maioria dos casos, porém, é possível que os estudantes percebam que Moon e Bá pouco modificaram o enredo em si: espera-se que notem que as grandes mudanças são de caráter linguístico.

A título de exemplo, reproduzimos a seguir um trecho do conto original e sugerimos algumas possibilidades de reflexão sobre a transposição para a linguagem dos quadrinhos. O excerto é do início do capítulo VI da obra, intitulado “A rebelião”.

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara.

A Câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

— Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis, e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos, ou supostos tais, não eram tratados de graça: as famílias, e em falta delas a Câmara, pagavam ao alienista... (ASSIS, 1882)

Ao comparar esse trecho e os quadrinhos correspondentes, os estudantes poderão notar, com a ajuda do professor, por exemplo: os elementos visuais destacando detalhes do prédio da Câmara (no interior e exterior); os traços físicos dos personagens, bem como seus movimentos e postura corporal enquanto falam (os quais denunciam o sentimento revoltoso de Porfírio ou a frieza do presidente da Câmara, cujos olhos sequer são visíveis). Também deve ficar clara a mudança nas formas de discurso reportado: enquanto o narrador do conto usa ora o discurso indireto, ora o discurso direto, nos quadrinhos emprega-se bem mais este último. Pode-se, aliás, perguntar aos estudantes por que os quadrinistas fizeram essa opção, ressaltando que, embora sejam muito presentes, os recordatórios com falas do narrador deixariam bem menos dinâmica uma cena como essa, de embate entre a população e os políticos.

Com esta atividade, espera-se sistematizar algumas percepções dos estudantes acerca das escolhas visuais de Moon e Bá em sua adaptação. Além disso, também se promove a habilidade

EF89LP32*, voltada à relação entre diferentes textos, por ser uma oportunidade de trabalhar a relação entre original e adaptação, bem como sobre a intertextualidade que caracteriza uma obra como essa.

ATIVIDADE 3: LOUCURA E NORMALIDADE, UMA QUESTÃO HISTÓRICA

PRÉ-LEITURA

Esta atividade propõe desenvolver a discussão sobre loucura, promovendo uma interface entre o contexto histórico em que se passa o enredo e os dias atuais. Para tanto, sugere-se que, antes da leitura, os estudantes tenham um pouco mais de contato com questões históricas ligadas à ideia de loucura, bem como a suas diferentes formas de tratamento, seja no século XIX, seja antes ou depois. Propõe-se, ainda, que façam um questionamento ético a respeito das formas de tratamento da diferença, com enfoque específico na saúde mental.

A sequência pode envolver a proposta de uma pesquisa em que os estudantes busquem informações sobre como a loucura já foi definida e tratada ao longo da história. O professor pode estimular a pesquisa em livros de história, enciclopédias ou meios digitais, oferecendo as contextualizações necessárias caso os adolescentes apresentem dificuldades.

A partir dos resultados obtidos, pode-se promover uma roda de discussão sobre um ou mais questionamentos éticos ligados ao tema. Sugere-se pedir aos estudantes que opinem, por exemplo, a respeito das seguintes questões: Como se pode definir alguém como louco? O que significa ser normal, em oposição a ser louco? A reclusão em manicômios é a melhor forma de tratamento para alguém considerado louco?

As respostas dos jovens, a princípio mais pautadas em opiniões pessoais, podem ser confrontadas com notícias e estudos sobre o tema, para que a discussão se enriqueça. Convém que os próprios adolescentes busquem informações qualificadas para embasar suas reflexões, compartilhando também o resultado das pesquisas com os colegas, talvez num segundo momento de discussão.

LEITURA

Em continuidade à discussão mobilizada na pré-leitura, sugere-se tematizar agora a seguinte questão, que está subjacente a todo o enredo: o que define, de fato, uma pessoa louca, em cada

* (EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros (BRASIL, 2018, p. 187).

momento da obra? Pode-se promover essa discussão em diferentes pontos do enredo, de modo que os desdobramentos da narrativa possam alimentar outras formulações ao longo da leitura.

A princípio, sugerimos lançar o questionamento a partir da chegada de Bacamarte em Itaguaí, com as primeiras caracterizações dos internos da Casa Verde. É possível que os jovens reconheçam que o alienista recolhia no asilo figuras mais claramente reconhecidas como loucas, por terem comportamentos inusitados.

Outra situação interessante para a conversa é quando o protagonista amplia sua concepção de loucura, passando a aprisionar pessoas que não se aproximam tanto do estereótipo de louco que predomina até hoje. Pode-se interromper a leitura e debater essa questão quando Bacamarte justifica a prisão da própria esposa, pela obsessão com suas joias (p. 55).

Os outros dois momentos propícios para esse debate são a nova mudança de perspectiva por Bacamarte, quando ele passa a confinar os que apresentavam comportamentos excessivamente adequados à normalidade (p. 59), e o desfecho da obra, em que o alienista decide pela própria reclusão (p. 67). Em cada uma dessas paradas, o professor pode apresentar aos estudantes outros questionamentos: Quais características definem a loucura nesse momento da obra? Em sua opinião, trata-se de fato de indicativos de loucura? Que efeitos a reclusão dessas pessoas no asilo da Casa Verde provocou sobre elas e sobre a cidade? Haveria outros motivos para as decisões do alienista quanto ao aprisionamento de cada personagem? Houve outros beneficiados por suas decisões?

É fundamental conduzir as discussões de forma que todos fiquem à vontade para opinar, respeitando os diferentes turnos de fala e a opinião de cada estudante. Uma sugestão é convidar a turma a registrar suas percepções, construindo assim uma síntese das conversas, promovendo um diálogo entre os elementos pesquisados na pré-leitura e as concepções do alienista, por exemplo. Além disso, é importante enfatizar que as opiniões devem ser sustentadas com base no enredo ou, se for o caso, em elementos das próprias pesquisas, de modo a valorizar a operação argumentativa dos estudantes.

Além das habilidades EF69LP47* e EF89LP33**, que ressaltam a formação de leitores

* (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 159).

** (EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas,

críticos de diferentes gêneros literários e suportes, aqui também se desenvolve a habilidade EF69LP44*, voltada à presença de valores sociais, culturais e humanos nos textos literários.

PÓS-LEITURA

Como estratégia de finalização deste eixo de trabalho com a questão da loucura, sugere-se que os adolescentes produzam um texto literário que contenha algum dos aspectos suscitados pelas rodas de conversa anteriores. Embora desafiadora, a proposta ofereceria a eles uma possibilidade expressiva interessante, em consonância com a sugestão de experimentação literária que está prevista pela BNCC na habilidade EF89LP35**, dedicada à produção de textos.

Para aproveitar o fato de já terem lido uma narrativa gráfica baseada num conto, sugere-se que seja esse o gênero da produção dos estudantes. A ideia é redigir um conto em que a questão da loucura também apareça, porém com ênfases diferentes das presentes na história lida. Pode-se sugerir, por exemplo, que escolham narrar em primeira pessoa, para expor mais claramente os sentimentos de alguém considerado louco e as consequências de seu tratamento, ou ainda que criem uma história com outras formas de tratamento. Os jovens também podem mostrar de forma mais enfática as consequências de uma reclusão como a descrita em *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* nos dias atuais.

Essas são apenas algumas possibilidades de trabalho, é fundamental estimular os estudantes a criar narrativas originais a partir do que mais lhes despertou a atenção na leitura. Sugere-se que as únicas restrições à criação sejam o tema (a loucura) e o gênero (conto), de modo que possam escolher outras épocas e contextos, inclusive em situações mais próximas à vida dos adolescentes. As ideias para o conto podem ser discutidas coletivamente ou em pequenos grupos, e, se julgar conveniente, há a possibilidade de a escrita ser feita em duplas, dada a complexidade da tarefa.

Assim, espera-se que possam experimentar, pela via da criação literária, uma faceta diferente do contexto de sofrimento vivenciada por pessoas consideradas não adaptadas à concepção de normalidade de comportamento. Ao fim do processo, as histórias podem ser reunidas numa coletânea de contos ou compartilhadas em eventos de leitura coletiva e discussão.

crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 187).

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa (BRASIL, 2008, p. 187).

Possibilidades interdisciplinares

Por sua natureza multimodal, um romance gráfico como *O alienista: Baseado na obra de Machado de Assis* pode ser trabalhado com o componente curricular de Arte, com enfoque, sobretudo, nas artes visuais e nas relações entre texto e imagem. Embora esse trabalho já esteja previsto nas atividades anteriores, a análise sugerida se voltava à observação de recursos visuais para retratar ou realçar elementos narrativos. Com a colaboração do professor de Arte, seria possível aprofundar as análises para incluir componentes artísticos específicos, ligados à importância do desenho e de suas convenções nessa obra. Seria possível, também, propor aos jovens experiências de criação com essa dimensão expressiva.

Uma das maneiras de desenvolver esse trabalho seria ampliar a Atividade 2 para que incluísse, nos momentos de discussão e análise de imagens, a presença de um professor de Arte, a fim de que os estudantes analisem com maior profundidade aspectos específicos da linguagem visual e de sua integração com o texto escrito. Assim, seriam contempladas, por exemplo, algumas habilidades específicas de Arte previstas pela BNCC, tais como a EF69AR03*, que aborda a integração entre as linguagens visuais, e a EF69AR04**, voltada aos elementos da linguagem visual.

Para além de atividades de análise e compartilhamento de estratégias de leitura e reflexão sobre tais recursos na obra, seria interessante propor que os estudantes também fizessem alguma criação. A depender do tempo e dos recursos materiais e tecnológicos disponíveis, pode-se pedir a eles que criem uma história em quadrinhos com base numa narrativa escrita.

O texto fonte para as histórias pode ser algum conto já lido, do próprio Machado de Assis ou de outro escritor com o qual o professor (ou os próprios jovens) tenham familiaridade. Também é possível desenvolver esta proposta criativa a partir da Atividade 3, de modo que um conto criado pelos estudantes seja adaptado para os quadrinhos. O mais importante é que, uma vez escolhida a narrativa a ser adaptada, os adolescentes sejam orientados a selecionar quais elementos continuarão sendo expressos pela escrita e quais ficarão exclusivamente a cargo das imagens. Cabe aos professores envolvidos explicitar os desafios acarretados pelas escolhas dos estudantes, para ajudá-los na percepção de que diferentes linguagens propiciam estratégias distintas de apresentação de informações, o que implica que alguns aspectos serão mais facilmente adaptáveis que outros, a depender do texto original escolhido.

Após essa etapa de reflexão e planejamento, a produção em si precisará de orientações

* (EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc. (BRASIL, 2009, p. 207).

** (EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas (BRASIL, 2009, p. 207).

mais específicas do professor de Arte, incluindo aspectos técnicos, bem como a escolha dos materiais e ferramentas. Dessa maneira, a produção completa contemplaria ainda outras habilidades específicas do campo das Artes, em especial a EF69AR05*, que aborda as materialidades, e a EF69AR06**, sobre processos de criação.

Dadas a complexidade e a extensão envolvidas na criação de uma história em quadrinhos, pode-se considerar a opção de trabalho em grupos, de modo que a turma divida responsabilidades quanto à produção colaborativa do projeto. Além disso, embora a leitura dessa obra sugira a produção de uma narrativa gráfica, também seria possível desenvolver uma proposta semelhante que envolvesse outras formas de linguagem, como colagens, vídeos ou performances, a depender do interesse dos professores, dos estudantes e, evidentemente, da disponibilidade de recursos.

Para maior engajamento dos adolescentes e para efetiva incorporação das condições de produção de cada obra a seu processo criativo, seria interessante que os produtos finais circulassem pela comunidade escolar. Pode ser através de uma revista (impresa e/ou digital) com os quadrinhos da turma, bem como alguma forma de exposição em que os estudantes apreciem as criações uns dos outros e comentem suas escolhas estilísticas.

Bibliografia comentada

ASSIS, Machado de. **O alienista**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Fundação Biblioteca Nacional, 1882. Disponível em: <https://bit.ly/AlienistaPublico>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Trata-se do conto original em que se baseia a adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá, referência fundamental para compreender o processo de criação do romance gráfico.

BRAGA, Guilherme da S. Entrevista: Érico de Assis, tradutor de quadrinhos. **Translation Matters. Picturebooks and Graphic Narratives**. Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies, v. 3, n. 2, p. 140-144, Autumn 2021. Disponível em: <https://bit.ly/translationMatters>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Entrevista em que Érico Assis conta um pouco de sua experiência pessoal e profissional com quadrinhos e analisa alguns aspectos técnicos desse gênero textual e de seu ofício.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/Cosed/Undime, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 8 jun. 2022.

* (EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, *performance* etc.) (BRASIL, 2018, p. 207).

** (EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais (BRASIL, 2018, p. 207).

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022.

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

Recomendações elaboradas para orientar os educadores em temas que deveriam atravessar os diferentes componentes curriculares.

CAMPS, Anna; COLOMER, Teresa. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

A obra propõe um conjunto de reflexões sobre o ensino da leitura, discutindo-o como processo dinâmico em cujo sucesso (ou fracasso) podem concorrer diversos fatores, ligados ao contexto das práticas de ensino, aos textos escolhidos e aos próprios estudantes.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

Uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução: Luis Carlos Borges e Alexandre Boide. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Um dos quadrinistas mais influentes do século xx discute os princípios da narrativa composta de texto e imagem. A obra foi desenvolvida como guia a estudantes, profissionais e professores de artes gráficas.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: http://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

Importante material para consulta, apresenta verbetes sobre literatura, com definições, informações diversas e aspectos históricos relacionados aos termos.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **A arte dos “quadrinhos” e o literário**: a contribuição do diálogo entre o verbal e o visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cul-

tura. 2008. 207 f. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Importante estudo a respeito das relações, ao longo da história, entre texto e imagem em diferentes formas de expressão da cultura humana. Oferece também uma rica discussão a respeito das possibilidades de análise de histórias em quadrinhos como literatura.

Sugestões de leituras complementares

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

Uma análise da produção editorial para crianças e jovens, com base em 150 obras publicadas na Espanha para leitores entre cinco e quinze anos. Colomer apresenta as inovações temáticas e as formas de narrativas de diferentes períodos, estabelecendo relações e expondo elementos preciosos à compreensão da produção editorial destinada à infância e à juventude.

LIMA, Graça. Lendo imagens. *In*: MACHADO, Ana Maria *et al.* **Nos caminhos da literatura**. São Paulo: Peirópolis, 2008.

A obra traz o registro do seminário Prazer em Ler de Promoção da Leitura, realizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que reuniu escritores e especialistas em leitura.

MALARD, Letícia. Micro-história de “O alienista”. *In*: **Literatura e dissidência política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

A obra apresenta uma breve retomada do contexto de publicação de “O alienista” por Machado de Assis, propondo interpretações que associam o enredo à biografia do escritor e retomando diferentes comentadores críticos que estudaram a obra ao longo do século xx.